

# **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

## **LEITURAS DO PASSADO: O SERTÃO/SEMIÁRIDO NO DISCURSO DA CONVIVÊNCIA**

Almair Morais de Sá  
Doutorando em História, Política e Bens Culturais  
Fundação Getúlio Vargas – FGV-CPDOC  
almairms@hotmail.com

### **Resumo**

A institucionalização do discurso da convivência com o semiárido remete a produção e difusão de um conjunto de modos de dizer e de fazer, saberes e práticas que, entre outras coisas, enunciam/instituem o sertão/semiárido. O objetivo deste trabalho é problematizar essa construção discursiva e suas leituras do passado, especialmente na proliferação de enunciados que evidenciam esse sertão/semiárido, a partir dos cordéis produzidos pela Articulação do Semiárido (ASA), no período 2003-2004; dos cordéis produzidos pelo Instituto Nacional do Semiárido (INSA) entre 2008-2011 e do CD “Belo Sertão: a convivência com o Semiárido através da música”, cujo lançamento ocorreu em 2006. Trabalhou-se com análise de discurso, na perspectiva de Michel Foucault. A ASA e o INSA revelam maneiras convergentes de ver e dizer o passado. Há, de um lado, um passado para o qual se olha com nítida aversão; do outro, um passado, guardião de nossa essência, trazido à tona para demonstrar que a identidade regional já estava lá; e num terceiro lado, tem-se um passado que não se descola do presente e que está neste, presente e atuante, como uma tempestade ameaçadora.

**Palavras-chave:** Sertão-Semiárido. Discurso. Convivência.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## LEITURAS DO PASSADO: O SERTÃO/SEMIÁRIDO NO DISCURSO DA CONVIVÊNCIA

Almair Morais de Sá  
Doutorando em História, Política e Bens Culturais  
Fundação Getúlio Vargas – FGV-CPDOC  
almairms@hotmail.com

A institucionalização do discurso da convivência com o semiárido remete a produção e difusão de um conjunto de modos de dizer e de fazer, saberes e práticas que, entre outras coisas, enunciam/instituem o sertão/semiárido. O objetivo deste trabalho é problematizar essa construção discursiva e suas leituras do passado, especialmente na proliferação de enunciados que evidenciam esse sertão/semiárido, a partir dos cordéis produzidos pela Articulação do Semiárido (ASA), no período 2003-2004; dos cordéis produzidos pelo Instituto Nacional do Semiárido (INSA) entre 2008-2011 e do CD “Belo Sertão: a convivência com o Semiárido através da música”, cujo lançamento ocorreu em 2006. Trabalhou-se com análise de discurso, na perspectiva de Michel Foucault.<sup>1</sup>

O discurso da convivência se institui a partir de uma relação de oposição – para assinalar a diferença – frente a outro discurso (da seca) que lhe aparece ao mesmo tempo como “inimigo” e condição de possibilidade. Quero dizer que aquilo que consiste a necessidade econômica e a utilidade política do discurso da convivência só se sustenta, em parte, em face da existência do outro discurso. Em certo sentido, este oferece condições para que aquele exista – o que parece recorrente em algumas construções identitárias<sup>2</sup>; este dá peso e valor aos enunciados daquele quando ditos em ocasiões e lugares oportunos. Trata-se de uma operação que, longe de querer taxar o

---

<sup>1</sup>Este texto integra o terceiro capítulo de minha Dissertação de Mestrado intitulada “*Os modos de dizer e de fazer (d)a convivência: enunciados e invenções de semiárido*”, defendida junto ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do historiador e cientista político Prof. Dr. Gustavo Tavares da Silva, com financiamento do CNPq, e também da Capes, no caso do período sanduíche na Universidade Federal de Minas Gerais.

<sup>2</sup>Sobre essa questão ver: WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a Perspectiva dos Estudos Culturais*. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

“outro” de sem lógica, busca assinalar uma lógica perversa por meio da qual ele se organiza e perverte os costumes; cria preconceitos e estereótipos.

Como o discurso da convivência não opera sem a ideia de uma identidade fixa, para afirmar a necessidade de mudar uma determinada visão de Semiárido ele atua por meio de uma separação – convivência/combate à seca – e de uma oposição do verdadeiro e do falso – o que assinala uma vontade de verdade que coloca à margem este último discurso, exercendo sobre ele “uma espécie de pressão e como que um poder de coerção” (FOUCAULT, 2009: 18).

O “outro” não constitui uma identidade essencial, mas uma falsa identidade e, portanto, a convivência deve levar a cabo a tarefa de revelar essa essência. De modo que a mudança de dizeres e imagens que vêm se operando com o deslocamento do combate à seca para a concepção de convivência, tal como se enuncia nesta última, não consiste no movimento de uma identidade metamorfoseando-se, mas no intento de estabelecer/fixar uma identidade para o Semiárido, de definir seus traços, de afirmar a sua “cultura”. Esse deslocamento ratifica a busca por uma identidade essencial, verdadeira, marcada ora pela diversidade ora pela afirmação de um modo de ser Semiárido, mas também, e em grande medida, pela vontade de tê-la – nos termos de um sertão para existir.

Se existem imagens pessimistas acerca do Semiárido e do sertanejo, historicamente instituídas, talvez seja conveniente perguntar como o discurso da convivência fala sobre quem foram/são os seus construtores. Eles são aí referenciados: foram os colonizadores que, quando falavam do Sertão, “diziam estar pisando a ‘terra da maldição’”; foram “os sanguessugas de fora/ montavam frios esquemas/ nos roubar era seu forte,/ saquear, era seus lemas,/ levavam nossas riquezas/ só divulgavam os problemas”; foram os “poderosos” que “se faziam de surdos; ante as queixas prometiam/ resolver esses charfudos,/nas vãs promessas criaram/ outros cruéis absurdos”; foram os “santos de fora”, “santos marreteiros” que “quando à nossa terra vêm,/ deixam um, carregam dez,/ nos dão dez, carregam cem,/ depois o pouco que deixam/ findam levando também”; foram os “modelos globais” que não viabilizam os “sonhos locais”; foi “o sabido” que aproveitou a desvantagem da seca “agindo com malandragem”; foi uma “lente cultural” por meio da qual o Sertão foi divulgado, um

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

“modelo cultural” que age com sutileza e “nos distancia desse nosso real potencial”; é a “educação oficial que chega descontextualizada”, “educação domesticada” que reproduz preconceitos e desvaloriza a região, “educação colonial/ verdadeira ‘lavagem cerebral’/ assassina de ideias e sistemas/ pondo, pois, em seu lugar, outros esquemas/ sepultura de nosso imaginário”; são os “modernos ‘gurus’” que “ainda insistem em pensar dessa forma equivocada”; são os próprios alienados pela visão alienadora; são os que tendo saído do Semiárido “desejando uma nova formação/...ficam, lá fora, deslumbrados/ esquecendo seu povo e seu torrão/ Se ele tinha, findou seu compromisso/ E nega ter sua origem no Sertão”.<sup>3</sup>

Foram “os políticos interesseiros sem idéias construtivas”; é o “doutor, coronel, deputado” que sempre falou ao sertanejo de açudagem e adutora; é aquele que faz da seca um “bicho papão,/ que só fala e diz asneira/ quem não conhece o Sertão”; é quem fala da “maior besteira” que “é a tal da transposição”, “mudar o curso de um rio/ do São Francisco, então/ é o que por aí se comenta/ deve ser coisa de ladrão/ querem roubar água do chico/ só pra desviar a atenção”; são os que “acham até que é preciso/ manter a seca queimando/ pra assim ter motivo/ de continuarem mamando/ nas verbas do governo/ e poucos ficar no comando”; é aquele que só faz “promessa de campanha/ visita só na hora da eleição”; é a “construtora e empreiteira” que “ganha com estas obras” deixando o povo continuar “com fome na ribanceira”; são os que “não levam em conta/ que esta idéia inconseqüente/ não resolve o problema/ da população carente/ e tem impactos negativos/ sobre o meio ambiente”; é um “sistema moribundo” que precisa de mudança; são os que dizem que com “a grande transposição das águas do São Francisco” vão “salvar a vida do povo deste Sertão”, “dizem que a região/ é seca e só tem miséria,/ porque não existe água/ correndo nesta artéria/ só com a transposição resolveria a matéria”; é “o grande” que se apropria das riquezas naturais “a terra, o crédito e água/o pequeno só ‘espia’”; é “o ministro, o presidente” que “querem a transposição”, “acham ser a solução/ para os problemas gerais/ dizendo que causaria/ transformações sociais/ porém, pouco se discute/ impactos ambientais”.<sup>4</sup>

O Pe. Ibiapina teria contribuído para engrossar a incompreensão da “cultura festiva” do Semiárido responsável pela composição da “ideia da preguiça e da

---

<sup>3</sup>Ver os cordéis do Instituto Nacional do Semiárido (INSA).

<sup>4</sup>Ver os cordéis da Articulação no Semiárido (ASA).

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

irresponsabilidade, tantas vezes ocultas nas piadas e insinuações” que se referem ao sertanejo:

Essa incompreensão vem de longe e já marcava o olhar dos missionários que pregaram o sertão. Até mesmo Ibiapina, um cearense que missionou o sertão entre 1850 e 1870, ele mesmo um sertanejo e que está na raiz de outros sertanejos importantes como Antônio Conselheiro e Pe. Cícero, tinha uma visão negativa dos ‘sambas’. Uma de suas atitudes nas missões era reunir os instrumentos musicais da população e queimá-los em praça pública. A queima dos instrumentos era simbolicamente a queima da ‘festa’, lugar de perdição segundo seu entendimento. (CD BELO SERTÃO)

Esses construtores de uma visão negativa do sertão também aparecem em muitos momentos de forma generalizante sem que se especifiquem os sujeitos.

Muitos desses construtores aparecem aí, como se viu, em figurações de passados evocados que se quer dar a ver ou a conhecer. Em todos os casos, passados ditos para a produção de determinados efeitos de verdade, para explicar o presente e reforçar porque a convivência é necessária, porque é importante mudar de paradigma, porque as existências da ASA e do INSA são salutares.

Sem demonstrar preocupação alguma com a linearidade cronológica ou com a possibilidade do relato cometer anacronismos, há uma narração em que diferentes temporalidades são acionadas para contar em poucas linhas uma “História Ingrata”<sup>5</sup>: fala-se da impressão dos colonizadores, e, em seguida, vê-se uma referência ao cangaço; depois, volta-se a falar dos colonizadores; faz-se alusão à práticas do período republicano e, logo depois, referência ao último imperador do Brasil. Em todo caso, está no passado a razão do atraso; no conjunto do que foi dito sobre o Semiárido, a expressão de um lugar cheio de hostilidades eclodiu mais forte; trataram-no durante muito tempo com uma nítida aversão.

No passado colonial, chamaram a região de maldita; no passado imperial o “refrão em tom maior/ que se diz do meu Sertão/ Entre lágrimas e suor/ como a Cantiga da Perua: ‘É de pior a pior’”<sup>6</sup>, “D. Pedro II disse: que na certa venderia,/ Todas jóias da Coroa/ e a seca resolveria;/ Nem resolveu nem vendeu/ Foi tudo demagogia.”. No passado, falaram de calamidades desenharam a região como uma paisagem desoladora enquanto roubavam dela as suas riquezas: “só se falava de seca/de espinhos, de calor,/ da fome e da pobreza/ do cangaço, o seu horror,/ da tristeza e da esmola/ da assistência

---

<sup>5</sup>Ver cordel O paradigma das oportunidades.

<sup>6</sup>Uma referência a canção “Cantiga da Perua”, de Jackson do Pandeiro.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

pra dor”, “entre fome, peste e seca/invasões, lutas, guerrilhas, conflitos de toda sorte,/repressões e armadilhas/nunca foram divulgadas/ do Sertão, as maravilhas”.<sup>7</sup> O passado é o Semiárido sem o INSA.

O passado é quando “a gente vivia sem rumo/ à mercê das iniciativas/ dos políticos interesseiros”; é o tempo da falta de expectativa e da conseqüente migração; é o tempo em que “Criança diz: - Arre égua!/ Eu não agüento mais/ carregar água de longe/ no lombo dos animais/ mulher com lata d’água/ na cabeça é ruim demais”; é o tempo do Semiárido em que as mulheres trabalham mais do que os homens; é o tempo do Semiárido sem cisternas. No passado estão as raízes de nossos males: “Desde o ‘descobrimento’ / período colonial/ o nosso país foi sempre/ injusto e desigual/ construiu-se relações/ de muitas contradições/ na formação social”. O passado é o tempo em que foram criadas as representações, diferenças e condições responsáveis pela formatação de relações desiguais entre homens e mulheres; é o tempo que instituiu o que é atividade feminina e atividade masculina, que instituiu que o homem “vai para a rua” e a mulher fica “na ‘lida sua’”.<sup>8</sup> O passado é o Semiárido sem a ASA.

A linha que se pretende estabelecer para separar o passado do presente é tênue o bastante para que, em determinados momentos essas temporalidades se pareçam e/ou se cruzem. O passado, ou melhor, as imagens e situações que aí se desenvolveram estão ainda tão presentes no tempo presente que este chega a ser como a sua continuidade quase que sem cortes.

Penso que é possível identificar, nesses discursos, passados que continuam existindo – constituindo dimensões do presente – no sentido de que são aquilo que o presente deseja ceifar, como se no presente existisse um passado intruso a ser enfrentado. Trata-se, pois, de uma operação discursiva que seleciona o que deve sobrar do presente para o futuro numa vontade de “tornar passado”, de uma vez por todas, determinadas imagens e situações.

Nesse caso, fala-se de um presente que se quer passado e para cujo apressamento se intenta contribuir; fala-se desse “hoje” para que muito brevemente ele se torne “ontem”. Isso ocorre mais especificamente na medida em que se faz a denúncia das condições regionais, a enunciação de suas misérias, no modo como o discurso da

---

<sup>7</sup>Cf. O Paradigma das Oportunidades, p.7-8.

<sup>8</sup>Ver cordéis da ASA.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

convivência dá a ver o “outro”. O presente é a ocasião precisa e o momento oportuno para investir esse passado de nova eficácia. A questão não é, nem de longe, fazer vê-lo em nome de sua permanência, mas para garantir que ele seja lembrado como o tempo do sofrimento que não se quer mais experimentar.

Aponto, então, uma dimensão desse presente como uma espécie de passado presente. Por um lado porque muitas das práticas discursivas ou não, que informam o presente como tempo de mudança, são instituídas pela própria necessidade que esse presente cria tomando o passado como referência; são instituídas como que para preencher lacunas, para por fim a certas ausências. Por outro lado, porque aí se toma muito do que já existe há algum tempo, em termos de imagens e práticas (mais especificamente, no que diz respeito a sua natureza e sua eficácia política) como uma manifestação recorrente do passado no presente – em outras palavras, é como se elas estivessem ali mas tivessem sua origem num outro momento.

Por exemplo, quando se fala contra a “transposição das águas do Rio São Francisco”, a crítica se fundamenta na descrição da lógica que institui essa política e que caracteriza o modo como ela se organiza: um dos principais problemas apontados é a repetição de uma velha concepção de solução para os problemas do Semiárido Nordeste, através da execução de grandes obras hídricas que, no passado, se traduziam em grandes açudes e perímetros irrigados.

Esse modelo, afirmam, não representa nenhuma construção de convivência, uma vez que, concentrando a água nos grandes reservatórios já existentes, ele excluirá uma significativa parcela da população, que a ela não terá acesso por razões econômicas, políticas e geográficas. A argumentação desenvolvida principalmente no cordel “A Peleja do Velho Chico Contra o Vampiro da Transposição”, mas também no CD Belo Sertão, a propósito dessa questão, consiste na denúncia da concentração de água<sup>9</sup>, na exposição dos verdadeiros interessados na transposição<sup>10</sup>, e na agressão ambiental que a obra pode causar<sup>11</sup>.

---

<sup>9</sup>“E não vai adiantar/ as águas do São Francisco/ correndo pelo Sertão/ fazendo na terra um risco/ o pobre não pode usar/ desta água nem um ‘trisco’ (p.8).

<sup>10</sup>“O agricultor pequeno/ produtor familiar/ neste sistema é vítima/ de exploração secular/ o grande se apropria/ do que o pobre plantar...//É melhor mudar o disco/ deixar de demagogia/ das riquezas naturais/ o grande se apropria/ a terra, o crédito e a água/ o pequeno só ‘espia’.// Se acontecer um dia/ essa tal transposição/ do sofrido velho Chico/ vítima de degradação/ os ricos se aproveitam/ pra fazer exploração. // Digo isso com razão/ pois todo grande projeto/ que é feito no Brasil/ o rico lucra direto/ enquanto que

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Essa análise pode ainda ser reforçada, considerando este último exemplo, uma vez que essa política está sendo apresentada como uma pretensão do passado – que o passado não foi capaz de materializar – retomada no presente com as mesmas motivações que a impulsionaram anteriormente. A “transposição” é justaposta a outras políticas, concebidas para a região Nordeste do Brasil, que não cumpriram o papel de “salvar a vida do povo deste sertão”:

Desde D. Pedro Segundo	E a idéia central	Dizem que a região	(...)Projetos de irrigação
No poder imperial	Da grande transposição	É seca e só tem miséria	Com muita água a jorrar
Já falavam em transportar	Das águas do São Francisco	Porque não existe água	Existem pelo Nordeste
A bacia fluvial	Quem quer sua execução	Correndo nesta artéria	Produção para exportar
Das águas do São Francisco	Diz que vai salvar a vida	Só com a transposição	Mas, o povo continua
Um grande manancial	Do povo deste sertão	Resolveria a matéria...	Numa miséria sem par <sup>12</sup>

Mas nem todo passado incomoda, nem todo passado deve ser lembrado com aversão! O discurso da convivência conta um passado que guarda os elementos capazes de explicar a natureza da “alma sertaneja”, da “cultura semi-árida”; um passado revelador do que é essa “identidade verdadeira” que dá a ver o “verdadeiro Semiárido”; um passado que assinala os marcos e as influências que compreendem o tempo de formação dessa identidade. A religiosidade que caracteriza a alma sertaneja e o catolicismo popular presente no Semiárido é caudatária de “duas linhagens básicas de evangelização” que “permearam essa região em sua história”.

A primeira foi a dos missionários tradicionais, normalmente congregações vindas de fora, como capuchinhos e franciscanos. Circulando pelo sertão, esses missionários difundiram uma cultura religiosa bastante ameaçadora. Talvez não só eles, mas também os vigários fixos, mas que também circulavam fazendo as ‘desobrigas’[...].

Outra linhagem [...] foi a de um missionário cearense chamado Ibiapina. Ele missionou o sertão de 1850 a 1870. Ele havia sido deputado, delegado e juiz

---

para o pobre/ sobra a lama e o dejetos.// O ministro, o presidente/ querem a transposição/ justificam que é importante/ pra nossa região/ das bacias hidrográficas/ fazer interligação.// Cimento, cal e concreto/ muito dinheiro presente/ nas tais obras faraônicas/ onde o povo fica ausente/ sem falar na agressão ao meio ambiente... Eu estou desconfiado/ portanto, não fico omissos/ as riquezas produzidas/ já tem seu compromisso/ as mesmas grandes empresas/ é quem lucrarão com isso.// E os empresários nisso/ fazem da sua maneira/ quem lucra com grandes obras/ é construtora e empreiteira e o povo continua com fome na ribanceira. (p. 7-14)

<sup>11</sup>No cordel da ASA: “Acham ser a solução/ para os problemas gerais/ dizendo que causaria/ transformações sociais/ porém, pouco se discute/ impactos ambientais. // Ninguém agüenta mais/ projetos sem dimensão/ que agride o ambiente/ desmatamento, erosão/ a quem interessa mesmo/ fazer a transposição?. No CD Belo Sertão: “Hoje o São Francisco perdeu 95% de suas matas ciliares, recolhe o esgoto de todo vale, está cortado por inúmeras barragens, contaminado por metais pesados e sofre a ação contínua de um modelo de desenvolvimento que o agride sem piedade. Para completar esse quadro já trágico, ainda corre o risco de sofrer a transposição de suas águas”.

<sup>12</sup>Cordel “A Peleja do Velho Chico Contra o Vampiro da Transposição”.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

de direito. Aos cinquenta anos abandonou a carreira pública e tornou-se missionário. Também não quis pertencer a congregações religiosas tradicionais e nem ser padre diocesano, vigário de paróquia. Fundou seu próprio método. Vagava pelo sertão em lombo de burro, parava num determinado lugar até estruturar ali as condições mínimas de vida da população. São famosas suas ‘Casas de Caridade’, onde acolhia órfãos da população sertaneja, principalmente de famílias dizimadas pelo cólera ou outras endemias. Cada Casa de Caridade tinha sua cisterna no pátio. Ibiapina foi um dos pioneiros na captação de água de chuva. Além disso, construiu açudes, igrejas e cemitérios. Aprenderam com ele esse tipo de cristianismo encarnado Antônio Conselheiro que foi seu discípulo durante muito tempo e também Pe. Cícero Romão Batista. Na linhagem de Pe. Cícero vieram beatos como Zé Lourenço, que teve seus desdobramentos em Severino e Quinzeiro, homens que estarão na proa do movimento Pau de Colher, em Casa Nova, sertão da Bahia. O método missionário de Ibiapina foi cassado, juntamente com sua pessoa, pela romanização da Igreja Católica do Brasil no final do século XIX” (CD BELO SERTÃO).

O passado é contado exatamente assim, sem maiores explicações sobre o que foi o movimento Pau de Colher, o processo de romanização da Igreja Católica no final do século XIX – como se esse passado estivesse dado para acionar a memória, como se o leitor mesmo sem tê-lo vivido já o conhecesse, de algum lugar, e somente precisasse dele recordar – evidenciando um rosto familiar cujos traços explicam as raízes de formação da cultura religiosa do Semiárido.

A difusão de uma “cultura religiosa” pelos missionários da primeira linhagem teria sido responsável pela instituição, “no imaginário popular”, no “inconsciente religioso” da “imagem de que a chuva é dom de Deus. A Ele e aos santos é que se pede chuva. Quando não chove é também por vontade de Deus”. Práticas como “as procissões ao redor das lagoas para pedir chuva” e “o seqüestro dos santos” são enunciadas como “o modo popular de compreender a natureza”.

A presença do elemento religioso no modo de ser do sertanejo, e mais especificamente, a presença dessa compreensão que atribui a chuva à vontade divina, teria criado a necessidade de convencer muitas pessoas de que a construção das cisternas não consistia numa tentativa de “manipulação” dessa vontade; também fez com que ONGs tivessem que incluir na formação que ofereciam “reflexões bíblicas para facilitar outra percepção da natureza, da relação de Deus com a natureza e da pessoa humana com a natureza”. O cerceamento ao “método missionário” do Pe. Ibiapina, identificado pela “sua evangelização encarnada, com obras voltadas para o bem estar popular, principalmente a captação da água de chuva”, teria provocado “uma perda

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

incalculável para o povo do semi-árido” inviabilizando que o Semiárido fosse lido de outra maneira.

Como se vê, nem tudo dessa cultura religiosa servia aos propósitos da convivência, mas tudo o que dela resiste a esses propósitos é submetido a um tratamento cuidadoso que visa o seu apagamento, mas sem a menor pretensão de causar danos a essa cultura. A ideia de que a chuva é dom de Deus é aí circunscrita no interior de uma racionalidade que só se explica historicamente se se levar em consideração a instituição de um catolicismo popular no Semiárido; uma racionalidade que se distancia da racionalidade da convivência; uma racionalidade enunciada pela fragilidade de seus fundamentos, mas assinalada porque ela exprime a natureza da alma do sertanejo. Note-se que nem o passado do qual se fala sem remorso algum escapa aos mecanismos de exclusão com os quais operam o discurso da convivência. Não se trata do apagamento da religiosidade, mas de determinados elementos que a constituem e que, pelo que enunciam, obstaculizam a efetividade da convivência.

A “contação” do passado também busca assinalar o papel salutar de um rio, conquistado pela força, na história do povoamento do interior do Brasil:

Esse é o rio por onde começou a entrada dos portugueses pelo interior do Brasil. Foi subindo o São Francisco que chegaram até Minas Gerais. Num primeiro momento de nossa história foi caminho e currais, isto é, por ele se navegava e às suas margens foram criados os currais de gado que abasteciam então nossa primeira capital, Salvador. A conquista do São Francisco foi uma tragédia para os índios que habitavam essa região. Sua destruição foi tão completa que sequer ficou registrada sua memória histórica, a não ser alguns fragmentos e alguns remanescentes que habitam a região do sub-médio São Francisco, hoje em processo de nações que ressurgem.

Com o passar dos séculos o São Francisco foi sendo modificado pela mão humana. A partir de 1850 tornou-se um rio de navegação, unindo o Nordeste brasileiro ao sul do país. O trecho de Juazeiro a Pirapora foi o elo entre essas regiões tão distantes do país. Os vapores passaram a trafegar normalmente, levando pessoas e desenvolvendo a ‘economia do catado’, de porto em porto, tanto comprando quanto vendendo. O porto de Remanso, por exemplo, acolhia todos os migrantes que vinham do Maranhão e Piauí em direção ao sul”(CD BELO SERTÃO).

O Semiárido é também simbolizado nas lutas populares que aí foram travadas: Canudos, Caldeirão e Pau de colher, bem como a articulação das Ligas Camponesas – expressão de uma sociedade que luta, desde tão longe, pela democratização da terra e contra o latifúndio arraigado da região, responsável por minar o sonho da população sertaneja: “Ter terra e água, viver bem no sertão, com dignidade”.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Esse passado guarda, pois, eventos marcantes, nomes e obras de filhos ilustres do Semiárido. Aos nomes já mencionados aqui, ainda se pode acrescentar: Paulo Freire, por ter nos legado “uma educação transformadora”<sup>13</sup>; João Guimarães Rosa e o clássico “Grande Sertão Veredas”, o cineasta Walter Salles e o filme Central do Brasil – ambos citados na Declaração do Semiárido referida no capítulo anterior; Luiz Gonzaga com a densidade, poesia, humanidade e beleza de suas músicas para as quais contribuíram Zé Dantas, Patativa do Assaré e Humberto Teixeira<sup>14</sup>; Josué de Castro, “um brilhante brasileiro” que denunciou o problema da fome e da exclusão<sup>15</sup>; e aquele que inventou a cisterna de placas:

Sem ponto, vírgula ou crase	Na época do clima quente	E ele disse: - Menina!
Nel, pedreiro experiente	Na construção de piscina	Eu posso até construir
Do Estado do Sergipe	Com placas de pré-moldados	Uma piscina redonda
Em São Paulo, um continente	Como a técnica ensina	E você há de convir
Lá na construção civil	Nel conseguiu construir	Que em Sergipe essa coisa
Viu algo bem diferente.	Uma placa que se inclina.	Guarda água pro porvir
Foi só ele insistir	Sem precisar usar luva	
Comendo um cacho de uva	Fez a cisterna perfeita	
Chegando na sua terra	Pode ter vários tamanhos	
Na casa de uma viúva	Seguindo a mesma receita	
Fez a cisterna de placas	E hoje em todo Nordeste	
Pra pegar água de chuva	Ela é muito bem aceita <sup>16</sup>	

A igualdade entre homem e mulher é reivindicada a partir da referência à ação divina que a teria instituído - visão que resulta do modo e pressupostos criacionistas de contar a origem do mundo. Nessa perspectiva, não há necessidade de desigualdade e competição entre eles uma vez que foram feitos por Deus “para viver em união/no amor na unidade”; a dominação de um pelo outro “Ele [Deus] não inventou”, “o ser humano inventou”. As relações de gênero tratadas se resumem a “Elas e eles” – mulheres e homens criados por Deus. Um discurso que fala de um Semiárido eminentemente heterossexual, sem gays, lésbicas, travestis, bissexuais, transexuais e todas as outras identificações a partir das quais se poderia pensar em relações de gênero.<sup>17</sup>

<sup>13</sup>Cf. Cordel Outra visão, outro Sertão, p.21.

<sup>14</sup>Cf. Encarte do CD Belo Sertão. Os nomes Zé Dantas e Luiz Gonzaga também são citados nos seguintes versos de “O Paradigma das Oportunidades”: “Foi por isso que Zé Dantas/ pôs na voz do Gonzaga:/ Oh! ‘Seu doutor uma esmola a um homem que é são,/ ou lhe mata de vergonha/ ou vicia o cidadão’” (p.16).

<sup>15</sup>Cf. Cordel Segurança Alimentar, p.4

<sup>16</sup>Cf. Cordel Cisterna de Placas: Importância e cuidados, p.7-9.

<sup>17</sup>Ver: Cordel Elas e Eles: direitos e deveres.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A ASA e o INSA revelam maneiras semelhantes de lidar com o passado. Temos de um lado um passado para o qual se olha com nítida aversão; do outro um passado, guardião de nossa essência, trazido à tona para demonstrar que a identidade regional já estava lá; e num terceiro lado, temos um passado que não se descola do presente e que está neste, presente e atuante, como uma tempestade ameaçadora. Nesse sentido, o discurso da convivência que essas instituições engendram, articula a produção de culturas históricas diversas que recortam nomes, eventos, imagens e práticas acerca do passado, econômica e politicamente úteis ao tempo presente dessas instituições e ao futuro que elas tentam viabilizar para si e para o Semiárido; culturas históricas que ora se aproximam ora se distanciam exatamente naquilo que recortam e instituem como passado do Semiárido bem como nos seus usos por essas instituições.

## REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 19.ed. São Paulo:Edições Loyola, 2009.

SÁ, Almir Morais de. **Os modos de dizer e de fazer (d)a convivência: enunciados e invenções de semiárido**. João Pessoa: UFPB/Programa de Pós-Graduação em História, 2012 (Dissertação de Mestrado).

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a Perspectiva dos Estudos Culturais*. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

## *CORDEIS DA ASA*

Convivência com o Semi-árido (José Rogaciano S. de Oliveira)

Água no Semi-árido (José Rogaciano S. de Oliveira)

A articulação do Semi-árido vai mudar o Sertão – (Arnaldo e Arno)

Segurança Alimentar (José Rogaciano S. de Oliveira)

Cisterna de Placas: Importância e cuidados - (José Rogaciano S. de Oliveira)

Elas e eles: direitos e deveres (José Rogaciano S. de Oliveira)

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A Peleja do Velho Chico contra o Vampiro da transposição (José Rogaciano S. de Oliveira)

*CORDÉIS DO INSA*

O Paradigma das Oportunidades – (Poeta Oliveira de Panelas)

Outra visão, outro Sertão – (Oliveira de Panelas e José de Souza Silva)

*CD*

FREITAS, Nilton; Gondim, Targino; MALVEZZI, Roberto. **Belo Sertão: A Convivência com o Semiárido através da música.** s/d. Cd stereo (15 faixas).